

VII. Memória de Tiago Veiga

Ernesto RODRIGUES

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CLEPUL

Nota Biobibliográfica

Director do CLEPUL. Doutor em Letras (1996) e Agregado em Estudos de Literatura e Cultura (2011) pela Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras é docente, ministrou cursos e fez conferências em universidades portuguesas e brasileiras, em França, Hungria, Itália, Marrocos, Moçambique, República Checa e Roménia. Crítico literário desde 1978, com vasta colaboração ensaística, editou Ramalho Ortigão, *As Farpas Completas*, 6 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2006-2007, Tomé Pinheiro da Veiga, *Fastigínia*, Lisboa, CLEPUL, 2011, Padre António Vieira, *Sermões do Rosário. Maria Rosa Mística II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, e A. Herculano, A. P. Lopes de Mendonça, Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Augusto Moreno, José Marmelo e Silva, António José Saraiva, etc. Poeta e ficcionista em volume desde 1973, é tradutor de literatura húngara. Principais títulos: *Mágico Folhetim: Literatura e Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998; *Cultura Literária Oitocentista*, Porto, Lello Editores, 1999; *Verso e Prosa de Novecentos*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000; *Crónica Jornalística. Século XIX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004; *5 de Outubro. Uma Reconstituição*, Lisboa, Gradiva, 2010; *Lisboa em Baptista-Bastos*, Lisboa, Âncora Editora, 2015. É um dos três coordenadores do *Dicionário de Literatura. Actualização*, 3 vols., Porto, Figueirinhas, 2002-2003.



Revisito *Tiago Veiga. Uma Biografia* (2011), após seis artigos sobre Mário Cláudio até 2010¹. Com efeito, diz aquele na dedicatória do meu exemplar, estive «na raiz deste livro». E precisa, na p. 16: «Aos 18 de Agosto de 1988, onze dias após o falecimento do poeta, e graças aos bons ofícios de Ernesto Rodrigues, publicaria o semanário *Tempo* aquela que seria a primeira notícia impressa da existência literária de Tiago Veiga.»

¹ *Tempo*, 15-XII-1988; *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 31-XII-1990; *Colóquio/Letras*, n.º 147/148, Janeiro-Junho de 1998, pp. 293-298; n.º 153/154, Julho-Dezembro de 1999, pp. 320-321; *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série, n.º 1, 2006, pp. 410-411; *Colóquio/Letras*, n.º 173, Janeiro-Abril de 2010, pp. 100-107. Este artigo é citado por Mário Cláudio em rodapé da p. 16.

Fundei, e dirigi durante seis meses, entre Maio e Outubro de 1988, *Tempo* – Cultura, um suplemento de 32 páginas cuja variedade e grafismo inspirariam experiências que então germinavam. Do centro-direita ideológico, no ano da fundação, em 1975, esse semanário abria-se, desde 1978, a columnistas e redactores socialistas, comunistas (Maria Teresa Horta) ou independentes de Esquerda, como eu, que aí fiz crítica literária (e não deixei de falar de Alice Vieira, José Jorge Letria, Carlos Pinhão, Modesto Navarro...), até à saída do país, em 1981.

Vim encontrar Mário Cláudio na crónica breve, o qual, uma semana após a morte de Tiago Veiga, enforcado em 7 de Agosto, domingo, telefonou para a casa de Oeiras, explicando ao que vinha. Rejubei, face à novidade e surpresa – também, forçoso é dizê-lo, porque um jornalista persegue a sua catcha, e tive esse exclusivo largos anos. Pediu que guardasse sigilo. Havia matéria, acrescentava, para largos desenvolvimentos – que, todavia, só vinte e três anos depois se confirmaria, para espanto meu, ao receber três volumes impressos de cópia já entregue na editora.

Eu fechava o suplemento na madrugada de terça-feira e, assim, para fazer sobressair prosa em que prometera empenhar-me, dando-lhe a dignidade de uma página inteira (algo de incomum nas crónicas, raramente ilustradas), desunhei-me no arquivo do jornal atrás de *bonecos* de Ezra Pound e Paul Claudel, «dois dos muitos amigos de Tiago Veiga», *in texto*, como se pode confirmar na p. 777 do volume, em que se reproduz essa peça inaugural. Claudel, aliás, merece uma só tímida referência, agora.

“Tiago Veiga”, na simpleza do título, morrera menos de duas semanas antes, em aldeia dos arredores de Paredes de Coura. Fora «amparado» por Fernando Pessoa, que o legendara Super-Camões (este poeta-sem-corpo anunciado pelo ensaísta d’*A Águia* pode sugerir outras hipóteses ficcionais...), e convivera, espiritualmente ou *de visu*, com nomes grados daquém e dalém-Pirenéus e Mancha, fosse um Raul Leal, fosse um René Guénon, para citar dois nomes. Assevera o autor ter feito, a partir do artigo, «várias correcções, motivadas pelo conhecimento que entretanto se aprofundaria do percurso do nosso biografado, do seu estilo de vida, e das características da sua obra» (p. 16). Na página seguinte, esclarece algumas alterações, mas, confirmando outros convivas, passa em claro aqueles dois nomes sem direito de cidade, ou partícipes do volume.

Quando saíram *Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga*², o «editor» Mário Cláudio aproveitou para acertos biográficos da personagem, saturando um jogo que o crítico e entrevistador Pedro Sena-Lino, no *Público* – Mil Folhas (10-XII-2005), desentendeu, tão crédulo se mostrou.

As ainda que «ligeiras alterações», como avisa o «editor» em relação à página amarela de 1988, são, todavia, significativas. Registemos as duas mais importantes.

Primeira: «Amparado por Pessoa, em suas primícias, logo aclamado, em plena juventude, como o Super-Camões, em texto do autor da *Mensagem*, de que temos perante nós a fotocópia, Tiago Veiga, adivinhando-[se] assim como voz superlativa da poesia portuguesa de novecentos, [...]» Em 2005, temos: «Amparado por Pessoa, em suas primícias, Tiago Veiga, adivinhando-se assim como voz originalíssima da poesia portuguesa de Novecentos, [...]». Se passa de «voz superlativa» a «voz originalíssima» (o que é desvalorizar um poeta), já, em 2011, vasculhado o «espólio pessoano», nem sombra, afinal, daquela fotocópia...

Na segunda alteração, T. S. Eliot saudaria *Triunfo e Glória do Arcanjo São Miguel de Portugal*, título de quem por muito tempo é Tiago Manuel (sendo Mário Cláudio Rui Manuel o menino nascido em 1941: ver *Tocata para Dois Clarins*, 1992), «como “um dos três supremos poemas da centúria”», parecer omitido em 2005, quando, afinal, isso «se propalava» (p. 17), admite 2011. Onde, e devido a quem, corria esse rumor? Questões de somenos, nessa auto-reflexão de que a Imprensa escrita foi primeiro estádio, enquanto assistimos à construção da nossa mais alargada « projecção heteronímica », bem além do João Mínimo ou Coradinho garrettiano, do Pedro de Melo de António Pedro Lopes de Mendonça³, de Fradique Mendes e outros, pessoanos ou não. «Projecção heteronímica» escrevi eu em *Verso e Prosa de Novecentos*⁴, que nenhum crítico claudiano quis dar-me o gosto de ler, e, assim, saber dessa revelação em fecho de século.

Debruçado, em 1988, “Sobre os géneros literários”, a Mário Cláudio pedi um texto com esse título, cujo manuscrito possuo, e reproduzi na minha dis-

²Porto, Edições Asa, 2005. Não considero, até 2011, outros Veigas (*Gondelim de Tiago Veiga*, 2008; «*Do Espelho de Vénus*» de Tiago Veiga, 2010).

³“Pedro de Mello” passou dos folhetins d’*A Revolução de Setembro a Ensaios de Critica e Litteratura*, Lisboa, 1849, pp. 213-256.

⁴Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p. 358.

sertação de mestrado (1990). Antes, aproveitei-o para a edição do *Tempo* de 1 de Junho de 1988, mudando o título para “Uma pétala gasta”. Nessa síntese vai uma diligência literária de mais de quatro décadas, pelo que importa transcrever:

«É o género literário rótulo amovível, cujo estabelecimento corresponde a uma secular ficção. Se, no respeito da tradicional escolástica, não pouco de conforto se contém, muitíssimo se perderá da sempre alucinante vontade de transgressão. Não nascem as linhas como poesia ou como prosa, como lirismo ou oratória ou auto pastoril, senão como expressão de um pequeno deus multiforme, coroadado de louros e calçado de lamas, que as gavetas etiquetadas logo se aprontam a devorar.

Razão teria, por isso, Monsieur Jourdain, o qual, em sua simpleza de literato almejado, tão-só manifestava o desejo de compreender o Mundo, painel garridíssimo de faunas e floras, enquadrado por um cenário de minerais.

Falaremos de géneros como de um catecismo aprendido de cor, que não depara, na lucilante espessura das coisas, com virtudes e pecados à sua medida. Falaremos deles como de uma pétala gasta, em sua finura, transparente quase, entre as páginas do livro que jamais se escreveu.»

Compreendido isto, vê-se como, em Mário Cláudio, há um procurado *desajuste*, essa obliquidade barroca entre ser, parecer e parecer ser que mina as clássicas certezas e contamina assuntos e processos. Neste exercício de refracções e pandemia (ou *pangenia*, seja, transmissão de características entre títulos de Obra maiúscula), reitera-se o *traço* precioso; o condicional estilizou-se; escrever os números (caso das datas) por extenso aprisiona o olhar, insólita maneira de um neobarroco agora substituído pelo frio algarismo. Por outro lado, em escrita multigenérica nesse *Tiago Veiga* passada em revista desde a estreia narrativa de 1974 (na poesia, deu-se em 1969; é cronista desde 1971), interseccionada por dentro e abanando pactos, como não ver um projecto assombrado em *ficção*? Melhor: em sobreficção?

Contra fundos de cena poética, Mário Cláudio projectou retratos de um tempo, construiu psicobiografias, caleidoscopiou António Nobre, autobiografou-se (e reincide, ultimamente). Como voltar à via real da poesia, cumulando tal ficção, que em si mesma se abisma? (Falei, até, em *Tiago Veiga alter ego* do cada vez menos pseudónimo Mário Cláudio – para mais, com fotografia, precedendo 16 ilustrações, em 2005 –, que subsume três personagens ou máscaras, de quem seria tradutor: John Addington Symond, Nuno da Cunha de

Ataíde e Johann Hermann von Riedesel, Barão de Eisenbach.) Como voltar a essa mescla de estudo prefacial, tradução, notas finais, organização de uma nova retórica, pacífica no epitáfio e na epístola em verso, inventando o sex-texto, ou conjunto de seis sonetos? A solução, para regressar à poesia, em 2005, e, em 2011, à autobiografia literária, com introdução, partes, capítulos, notas, extratextos, foi criar um “Tiago Veiga” que desse múltiplas saídas ao «autor da presente biografia» (p. 481), um Mário Cláudio só explicitamente citado em notas, e num índice onomástico problemático, que eu suprimia...

Sob questões, algumas menores, da vida literária, está um banho de *ficção total*, no sentido mais lato, em que, apesar das enxaquecas (também da existência), Mário Cláudio se vem comprazendo. Tendo perfeito a ‘trilogia da mão’, curado Nobre – no teatro, no ensaio, na edição e na fotobiografia (2001) –, revisto e aumentado Eça em transe criador, acompanhado os primeiros anos de Camilo e as centúrias que o precederam (sendo o nosso herói Veiga bisneto do senhor de Seide, por via do filho Nuno, cuja descendência inteiramente ignoramos), esse Tiago Veiga, tradutor vertido em ledó engano, com epígrafe justificando título de crónicas em 2007, n’*O Eixo da Bússola*, e biografado desde 1988, veio mostrar como crónica e poesia, crítica e seu aparato, são veículos excelentes para rendilhar sujeitos de ficção.